

A escuta na filosofia e na criação literária: um diálogo entre Clarice Lispector e Jean-Luc Nancy

Ana Beatriz da Silva Melo (IFPB, *Campus* João Pessoa), Laura Cavalcanti Pereira (IFPB, *Campus* João Pessoa), Paula Renata de Campos Alves Carné (IFPB, *Campus* João Pessoa)

E-mails: ana-melo.am@academico.ifpb.edu.br, laura.cavalcanti@academico.ifpb.edu.br, alves.paula@ifpb.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.01.00.00 - 4 Filosofia.

Palavras-chave: filosofia; literatura; instante; palavra; escuta; escrita.

1. Introdução

O livro *Água Viva* de Clarice Lispector, classificado pela autora como "antilivro", provoca um estranhamento profundo ao leitor, buscando a captura da "coisa viva" e a escuta do "estar-no-mundo". Para Clarice Lispector, a escrita e o pensamento se configuram nessa escuta penetrante e disponível, buscando a "coisa" fugidia das palavras, conforme Didi-Huberman (2021). Jean-Luc Nancy, em *À Escuta*, investiga o papel da escuta na filosofia, questionando o privilégio da visão. Para ele, a escuta transcende a teorização, abrangendo sons e silêncios, mesmo os inconscientes. "Estar à escuta" significa estar à beira de um sentido instável, que, embora não se fixe, aproxima e integra o sujeito ao mundo, mantendo a dinâmica viva do pensamento. As obras de Lispector e Nancy, embora não contemporâneas, convergem ao centralizar o corpo e suas ressonâncias sonoras como eixos de investigação. A escuta, que ocorre com o corpo inteiro, é essencial para a compreensão da existência e da criação literária e filosófica. O dizer manifesta a existência de um sujeito que anseia ser escutado, tornando a escuta um ato relacional que ativa a existência do outro. A relação entre escrita e escuta não se restringe aos sons, mas abrange o silêncio que permeia a linguagem. Como sugere Marília Librandi (2021), Lispector escreve "de ouvido", em um processo intuitivo e inconsciente, que ressignifica a questão da autoria de uma obra literária. Essa improvisação na escrita convida à descoberta do indizível, lembrando a provisoriidade de todos os sentidos e a alegria de se manter conectado à palavra e aos instantes. A escrita clariceana, ao captar o inominável, sempre toca o mistério das coisas.

2. Metodologia

A execução da presente pesquisa é eminentemente bibliográfica. Em sua primeira etapa, efetuamos a leitura da obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, que foi seguida de um fichamento e de uma análise e interpretação do texto. Concomitantemente ao processo de leitura, fichamento, análise e interpretação, iniciamos a redação do texto, destacando nele os fragmentos selecionados no fichamento para serem interpretados. Na segunda etapa, efetuamos a leitura de *À Escuta*, de Jean-Luc Nancy, e na sequência fizemos fichamento juntamente com análise e interpretação do texto. Da mesma maneira que fizemos com a primeira obra, redigimos um texto interpretativo sobre a obra de Nancy. Na terceira etapa da pesquisa, fizemos as leituras de textos auxiliares e retomamos a redação do texto, redigindo e costurando a interpretação de todos os textos lidos.

3. Resultados e Discussão

Apresentamos, nesta seção, os resultados preliminares obtidos na fase de construção da pesquisa. Tais resultados inauguram novas perspectivas para a reflexão filosófica tradicional, explorando-as por meio da literatura e do processo de escrita. Essa abordagem se manifesta como uma experimentação inspirada nas obras de Clarice Lispector e Jean-Luc Nancy, o que permitiu identificar o estímulo sensorial inerente à palavra no ato da criação literária. A análise é fundamentada nas interpretações de autores que constituem nossa principal e auxiliar referência bibliográfica, incluindo Marília Librandi, Paola Ghetti, Carlos Mendes e José Miguel Wisnik. Ressalta-se que o enfoque filosófico, para além das narrativas literárias, proporcionou uma compreensão mais humana e diversificada da palavra na escuta e na escrita. As obras examinadas reforçam a necessidade de uma transformação contínua e multifacetada do panorama existencial. A obra em questão, *Água Viva*, de Clarice Lispector, subverte o sentido convencional de literatura. Por meio dela, a autora almeja transmitir a vida pulsante e a força dos instantes através da palavra. Nesse contexto, a articulação entre a ruptura estética proposta por Lispector e a filosofia de Nancy revela-se crucial para a compreensão da experiência humana, especialmente em um cenário de ansiedade cotidiana. A confluência entre a literatura de Lispector e o pensamento de Nancy permite uma transgressão dos limites da percepção do tempo, evidenciando uma temporalidade menos automatizada. As discussões desenvolvidas

aprofundam a questão da temporalidade da existência, a incompletude constitutiva do dizer e a fugacidade do pensamento. Essa abordagem permite uma compreensão que redimensiona nossa forma de escutar, ler e escrever sobre nós mesmos e o mundo. A leitura de "Água Viva" contribui significativamente para as ciências humanas, promovendo uma sensibilização sociológica e educacional. Os resultados iniciais foram obtidos de modo laboral, em virtude do processo de escrita e da escuta do corpo sonoro como ressonância intuitiva, frequentemente negligenciada pelos paradigmas contemporâneos.

As discussões do projeto estendem-se ao âmbito da arte, possibilitando um diálogo entre literatura e filosofia a partir da experiência estética presente nas obras de Clarice Lispector. Foram abordados elementos de forma, cor, linha, pontos e curvas, derivados das artes visuais, que contribuem para a construção imagética das narrativas da escritora brasileira. Conforme a crítica literária Hélène Cixous, cada página de *Água Viva* pode ser isolada como um quadro, dada sua capacidade de capturar instantes e sensações humanas, à semelhança da pintura. Diante da experiência de um vazio semântico narrado por Clarice Lispector, as artes plásticas, em consonância com o corpo sonoro, emergem como suporte para a linguagem nas obras da autora. A leitura dos textos clariceanos e de Nancy foi realizada sob uma perspectiva que realça a experiência corpórea e a ressonância dos sentidos. A compreensão extraída das obras trabalhadas no projeto possibilitou o desenvolvimento de um saber que se distancia do mero pragmatismo, construindo um olhar sensível para o mundo. Esse olhar confronta-se com o limite da palavra e com um não-saber (entendido como o oposto de um conhecimento absoluto), encarando-os não como barreira, mas como ponto de partida para a palavra e para o pensamento. Dessa forma, os resultados do projeto também apontam para uma nova abordagem no estudo da Filosofia, atrelando-a a diferentes áreas do conhecimento e evidenciando a proximidade entre a reflexão filosófica e a literária, ambas essenciais para a formação do nosso imaginário sobre as possibilidades do mundo e de nós mesmos.

Publicada em 1973, a obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, ofereceu uma reflexão densa sobre a complexidade da criação e da experimentação no movimento metalinguístico. Meticulosamente elaborada, a obra busca sondar as palavras para além do pensamento, utilizando-as para alcançar um "monólogo pensante com a vida". A narradora atua como testemunha dos interstícios da vida cotidiana. O texto nutre-se de matizes linguísticos nascidos de um desconforto com os sentidos acomodados das palavras e das coisas, revelando confissões quase autobiográficas. *Água Viva* constitui um discurso fluido entre um locutor (eu) e uma segunda pessoa (tu), cuja interlocução desencadeia um fluxo que reflete sobre os limites da natureza e do espaço. O livro assume um papel multifacetado, delineando pluralmente a humanidade de uma escritora. Segundo Jean-Luc Nancy, "a sua palavra faz com que a solidez e o frenesi do mundo percam impacto". Ele propõe um "maneirismo mutante" como nova figuração do fazer poético, aprofundado em seu ensaio "*Será que isto que estou escrevendo é atrás do pensamento?*". O romance (a)literário de Clarice harmoniza-se com a filosofia de Nancy, rompendo fronteiras entre arte e vida. Essa aproximação também se revela em sua obra *Fazer, a poesia*, onde Nancy trata da transformação incessante dos significados, uma experimentação que Lispector incorpora em sua escrita.

A sinestesia em *Água Viva* está intrinsecamente ligada à ideia de abertura e ao movimento de ruptura com a linguagem convencional, tal como proposto por Nancy. Nesse processo criativo, a relação filosófico-literária é fortalecida no léxico e na gramática, na perspectiva artística do tumulto criador e transformador, configurando-se como um desafio às convenções da escrita. Para tanto, destaca-se o emprego do gerúndio, que evidencia a natureza sempre "em ser" das coisas, de maneira transitória. O processo de composição de uma matéria tão abstrata e volátil como os instantes de vida é caracterizado como uma modulação, aliada ao surgimento de possibilidades que nutrem a escrita sinestésica apontada pelo filósofo francês.

É possível discernir a riqueza filosófica e cultural no processo confessional da narradora, tratado na obra de Clarice Lispector, que se insere em um movimento de busca imerso na vontade de sentir a vida. A obra de Lispector, analisada pela pesquisadora Marília Librandi, celebra a voz viva, que jamais poderá ser aprisionada por definições. Por conseguinte, o tema reverbera uma certa complexidade, exibindo a potência valiosa de uma existência pulsante. Nesse sentido, as razões que fundamentam a idealização de *Água Viva* derivam de um desejo confessional da autora de expressar a fluidez de suas experiências e da escrita que pretende traduzi-las. Essa fluidez buscada por Clarice Lispector aponta para uma impossibilidade: a da palavra. Embora muitas coisas possam ser ditas, a palavra é sempre marcada por aquilo que ela não consegue expressar. O interesse da escritora pela esfera artística culmina em *Água Viva*, nosso objeto de estudo, e adquire uma dimensão mais profunda, visto que a obra tem como ponto de partida uma narradora que é pintora e constrói metáforas e abstrações extremamente visuais e sensoriais. Em "*Água Viva*", a autora alterna entre o ato de escrever e o de pintar. Clarice Lispector propõe a participação total e o encontro pleno

das duas atividades, buscando reproduzir na palavra aquilo que o pintor faz em seus quadros. Nas obras clariceanas, são representadas, quase que pictoricamente, experiências singulares da psique humana, temáticas difíceis de encontrar em outras literaturas, como a tentativa de retratar o próprio ato de pensar. Lispector explora ângulos da nossa existência que são quase indizíveis: quase invisíveis ao olho nu.

Em *Água Viva*, a pintura surge como a única tradução do indizível, um recurso capaz de alcançar sentidos e sentimentos que residem "atrás do pensamento" — expressão cunhada por Clarice Lispector para descrever esse lugar sensível e ininteligível que ela busca expressar em sua literatura. Para a escritora, as palavras se esgotam e não conseguem exprimir a realidade com a mesma intuitividade da arte abstrata. Ao longo do livro, metáforas revelam o processo de criação, a partir da fusão de três artes: escrita, visual e musical, compondo uma narrativa sensível às sensações humanas. A escolha da narradora como pintora, e não escritora, como previsto nas primeiras versões da obra, configura-se como um método de subtração adotado por Lispector. A trama se afasta da retratação do "eu" e da autora, refletindo sua ideia de que a literatura não espelha a vida pessoal do autor, mas sim a vida em sua totalidade. O exercício da pintura funciona como um laboratório para a construção da narradora-pintora, estabelecendo uma relação entre imagem e palavra. A escolha da gruta reforça o compromisso da autora com a criação, como ambiente de transmutações gerador de imagens e histórias. Clarice busca a língua das imagens quando a linguagem verbal se esgota.

Dessa forma, múltiplas temáticas da produção literária, artística e filosófica de Clarice Lispector e do filósofo Jean-Luc Nancy nortearam os estudos nos meses iniciais da pesquisa.

4. Considerações finais

Diante do exposto, os temas abordados no projeto — corpo sonoro, criação literária, limite da palavra, instantes, artes visuais, não-saber e a inserção dos sentidos no ato de pensar — contribuíram para a construção de uma poética filosófica e literária sensível, atenta à produção a partir da relação entre escrita e escuta. A pesquisa, com o amparo das ciências humanas, investiga as marcas da oralidade nas obras de Clarice Lispector e Jean-Luc Nancy. Embora não contemporâneos, seus trabalhos se cruzam ao centralizarem o corpo e suas ressonâncias sonoras. O estudo dessa relação expandiu-se, explorando suas manifestações nas artes e na psicanálise. Na análise das artes plásticas em Clarice Lispector, percebeu-se que o corpo e as sensações humanas são essenciais na composição de uma tela, assim como na escrita. Dessa forma, o diálogo entre as produções de Nancy e Clarice alcançou dimensões mais amplas na pesquisa, abarcando outros conhecimentos e conectando-os à criação literária e à escuta.

Por fim, o trabalho se sustenta em uma matriz bibliográfica que impulsiona reflexões sobre a psique, a existência e a criação livre, contrastando com um mundo obcecado pelo controle. A partir do que foi desenvolvido, a escrita se converte em um convite à descoberta do indizível, continuamente assumido pela palavra da literatura e da filosofia. Ambas, em proximidade com as artes plásticas, valem-se da sonoridade e da percepção corpórea como acesso a dimensões que não podem ser expressas em sua totalidade, o que confere à escrita clariceana seu toque idiossincrático.

5. Referências Bibliográficas

CIXOUS, Hélène. **A hora de Clarice Lispector**: Editora Nós. São Paulo, 2022.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector**: Relicário. Belo Horizonte, 2021.

LIBRANDI, Marília. **Escrever de ouvido: Clarice Lispector e os romances da escuta**: Relicário. Belo Horizonte, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**: Rocco. Rio de Janeiro, 2019.

NANCY, Jean-Luc. **À Escuta**: Chão da Feira. Lisboa, 2014.

NANCY, Jean-Luc. **Fazer, a poesia**: Tradução de Leticia Della Giacoma de França, Janaina Ravagnono e Maurício Mendonça Cardozo. Rio de Janeiro: Alea, 2013

NANCY, Jean-Luc. **Será que isto que estou te escrevendo é atrás do pensamento? (diálogo com Água Viva, de Clarice Lispector.** In: Terceira Margem: Dossiê Jean-Luc Nancy, Rio de Janeiro. v. 27. n. 53, 2023.